

AS VICISSITUDES DA MULHER CONTEMPORÂNEA: SER MÃE OU NÃO SER?

Kátia Alessandra dos Santos (USP/UNICENTRO¹)

RESUMO: O presente trabalho é fruto de algumas reflexões realizadas acerca dos discursos que circulam sobre a mulher e sua relação com a maternidade, tal como é vislumbrada pela mulher contemporânea. Tal reflexão será feita a partir dos postulados da Análise de Discurso de linha francesa (Pêcheux, 1997, 2008), passando por algumas teorias de gênero e da Psicanálise. Tomamos como *corpus* da pesquisa depoimentos (retirados de blogs e sites da *internet*) de mulheres (com ou sem companheiro) que querem ser mães, principalmente as que buscam formas de reprodução assistida; também buscamos algumas falas de mulheres que não querem ser mães. As conclusões a que chegamos exibem um paradoxo entre o desejo de SER mulher e o desejo de SER mãe como elementos não correspondentes e que esbarram em um discurso construído historicamente que liga o feminino à maternidade. Nesse sentido, é preciso sempre considerar as configurações atuais no que se refere às identidades possíveis dos sujeitos e às organizações familiares que, sendo múltiplas, abrem espaço para que as mulheres construam discursos diferentes em relação à maternidade.

PALAVRAS-CHAVE: mulher contemporânea, maternidade, discurso.

ABSTRACT: *This paper is the result of some reflections made on the discourses that circulate about women and their relationship with motherhood, as envisioned by the contemporary woman. Such a discussion is made from the postulates of Discourse Analysis of French (Pêcheux, 1997, 2008), experiencing some theories of gender and psychoanalysis. We took as the research corpus statements (taken from blogs and websites) of women (with or without partner) who want to be mothers, especially those who seek forms of assisted reproduction, we also seek some lines of women who do not want to be mothers. The conclusions that we exhibit a paradox between the desire and the desire to BE BE woman as mother and mismatched elements that collide in a speech built linking the historically feminine maternity. In this sense, one must always consider the current settings regarding the possible identities of the individuals and organizations that family, being multiple, open space for women to build different discourses in relation to motherhood.*

KEYWORDS: *contemporary women, motherhood discourse.*

1. Considerações Iniciais:

A despeito de linhas de pesquisa pré-definidas, encaminhamento de orientadores e outras questões do universo acadêmico que possam servir de desculpas para explicar os nossos objetos de pesquisa, somos do grupo que acredita que toda pesquisa parte de uma

¹ Doutoranda em Ciências, Psicologia, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto-USP; professora da área de pesquisa em psicologia da Universidade Estadual do Centro-Oeste- UNICENTRO-PR.

questão ontológica e, portanto, de uma inquietação que nos é cara, que nos mobiliza por algum motivo (tenhamos ou não consciência disso). Desse modo, este artigo parte de uma inquietação pessoal, situando-se, portanto, em um paradigma, o interpretativista ou qualitativo (CHIZZOTTI, 1995), que não propõe a neutralidade do pesquisador, mas justamente coloca em cena a possibilidade de discussão/interpretação a partir desse lugar que é de pesquisador e pesquisado.

Vimos pesquisando há algum tempo acerca da condição feminina, sua identidade, seu discurso, o discurso que circula sobre a mulher na mídia, entre outras questões ligadas ao feminino (SANTOS, 2008, 2009). Nos últimos tempos (talvez pela chegada dos famigerados trinta anos), a questão da maternidade como algo presente no discurso e na vida da mulher tem nos chamado bastante a atenção.

É fato que a mulher contemporânea tem postergado as relações duradouras em função de outros objetivos, geralmente ligados à carreira, como forma de se inserir no desejado grupo das mulheres “independentes” (não se sabe exatamente de que ou de quem). Ocorre que todo esse processo de dedicação aos estudos, à carreira, demanda tempo, tempo que corre contra a mulher quando a questão é a maternidade. Se lá pelos trinta e poucos anos ela se sente em “condições” de ter um filho, talvez seja um pouco tarde para que isso ocorra nos moldes tradicionais: encontrar alguém, construir um relacionamento sólido, casar-se e, depois, ter um filho biológico.

Desse modo, frequentemente, observamos queixas de mulheres que, independentes financeiramente, satisfeitas com suas carreiras, sentem a “necessidade” de ter um filho e se veem em um dilema em relação à maternidade e ao seu próprio lugar de “mulher”. Por outro lado, há as mulheres (em número mais reduzido, é verdade) que optam por não ter filhos e queixam-se de precisar o tempo todo se haver com essa escolha perante o outro, uma vez que há uma cobrança generalizada da sociedade no que se refere à maternidade, sobretudo se a mulher apresenta as “condições” necessárias para tal, ou seja: tem um companheiro e/ou independência financeira e idade (mais ou menos a partir dos 30 anos).

Pensando nesse contexto, não é preciso recorrer a nenhuma pesquisa estatística para perceber que a idade da primeira gravidez de uma mulher vem aumentando consideravelmente, assim como o número de mulheres que não têm filhos, bem como o número de filhos por família. Essas questões vêm sendo discursivizadas largamente e

podem ser vislumbradas em diversos produtos midiáticos, tais como filmes, novelas e livros, como o da jornalista Denise Rodrigues (1999), *Socorro, quero ser mãe*.

Assim, tendo em vista a pertinência e atualidade da questão, para que possamos discuti-la, tomaremos os pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso de linha francesa (PÊCHEUX, 1997, 2008) (doravante AD), área que toma como objeto o discurso, entendendo-o como acontecimento que se situa na história e é, portanto, ideológico. Pensando na necessidade de articular os acontecimentos discursivos às suas condições de produção (ORLANDI, 2002), faremos um breve percurso pela história da mulher no que se refere às relações de gênero e à maternidade.

2. A mulher na história

A mulher tem sido discursivizada sempre a partir do ponto de vista masculino. Na história e na mitologia a vemos sendo descrita como ser ligado à natureza, contrário à cultura, diferentemente do homem, relacionado à lei e à racionalidade. Essa concepção materializa-se em representantes femininas como Medéia (da literatura grega clássica), Eva (do Cristianismo), as bruxas da Idade Média, as históricas (da Psicanálise), mulheres que materializam “a parte obscura” (ROUDINESCO, 2008) da humanidade.

Alguns dos momentos históricos mais importantes na constituição histórica do sujeito mulher são a Idade Média e o período burguês. Podemos observar alguns deslocamentos nos discursos sobre a mulher em ambos os momentos históricos. Primeiro, tínhamos uma mulher determinada pelos preceitos da Igreja, de onde surge a dicotomia da santa (mãe) ou da bruxa. O Cristianismo “identificou a figura da mulher com a experiência do pecado, baseando-se para isso no mito da sedução de Adão por Eva” (BIRMAN, 1999, p. 62). O papel da mulher valorizado era o da maternidade, que a redimia dos seus pecados “naturais”. Com a burguesia, esse discurso se desloca, atualizando o papel da mulher na relação com a família e, portanto, com as transações comerciais também. As de baixa renda podiam (e deveriam) atuar vendendo sua força de trabalho, já as mulheres das classes mais altas deveriam zelar pela imagem da família, empreendimento que era essa instituição (MACEDO, 1992).

Outro importante deslocamento na rede de discursos sobre a mulher ocorre com o advento do Iluminismo, período no qual surge a proposta da “igualdade para todos”, contudo a categoria “todos” não incluía a mulher, considerada como possuidora de uma razão inferior. Podemos observar que nesse momento a inferioridade da mulher, atestada

pelo discurso religioso, desloca-se para o discurso científico, que a toma como possuidora de uma razão inferior à masculina². Durante a Revolução Francesa, muitas mulheres se destacam e participam ativamente, entretanto esse fato é silenciado pela história que é construída, na maioria das vezes, ainda por e para os homens. Na II Guerra Mundial, a mulher acaba sendo obrigada a assumir o lugar dos homens, enquanto esses estão em batalha, mas com o término da guerra acabam sendo depostas do lugar que conquistaram e devolvidas à posição de “rainhas do lar”.

Ainda, conforme Birman:

desde o século XVIII, pelo menos, se forjou um conjunto de discursos- médico, filosófico e moral- que pretendiam delinear uma diferença de *essência* entre o masculino e o feminino. Antes disso não havia absolutamente uma fronteira essencial entre as figuras do homem e da mulher, pois desde Galeno, no início da era cristã, a mulher era considerada como um homem *imperfeito*, a quem faltava calor suficiente para ser um homem” (1999, p.p. 85-86).

Conforme a afirmação acima, a diferença essencial entre homem e mulher foi sendo construída a partir do século XVIII, dialogando com um outro discurso, aparentemente contraditório, de que a mulher seria uma espécie de homem diminuído. Dessas matrizes de sentido anteriores ao século XVIII mantém-se o discurso que afirma a inferioridade da mulher em relação ao homem.

Com a noção de diferença entre os sexos, regulamenta-se e justifica-se a alocação da mulher com o espaço privado, e, por conseguinte, com a maternidade; e do homem com o espaço público, dadas as diferenças consideradas “essenciais” que foram naturalizadas historicamente. Desse modo, a maternidade e o ambiente privado eram caminhos obrigatórios para a mulher.

Entretanto, sabemos que a questão do amor materno e a ligação do binômio “mulher-mãe” é uma construção social. A figura da mulher nem sempre esteve aliada à maternidade, conforme atesta a pesquisa histórica realizada por Badinter (1985) sobre o mito do amor materno. Partindo da premissa de que o amor materno é instintivo, natural, a pesquisadora procurou indícios históricos para desconstruir tal afirmação generalizada em nossos dias. Verificou que a afirmação de que a mulher tem um instinto “natural” para ser

² Sobre isso ver Rosseau: *Emílio ou Da Educação e Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, textos em que percebemos que o pensamento filosófico iluminista fundamenta os ideários que sustentam uma educação e uma moral diferentes para homens e mulheres, delineando o papel da mulher relacionado à educação dos filhos.

mãe começou a ser divulgado no século XIX, tendo em vista o grande índice de mortalidade infantil entre os séculos XVI e XVIII, quando as crianças recém-nascidas eram deixadas com amas de leite (no caso de mães abastadas) ou simplesmente enfaixadas para que a mãe pudesse trabalhar. Desse modo, a partir de meados do século XIX, as mães foram incumbidas da tarefa de amamentar e, posteriormente, de educar seus filhos, de tal modo que essas funções passam a ser vistas como óbvias e naturais. (BADINTER, 1985).

No Brasil, também, há registros de que a maternidade não foi vista por todas as mulheres como “missão”, algo divino, etc. Como atesta o texto de Renato Pinto Venâncio, *Maternidade Negada* (2000, p. 189-222), muitas mulheres durante o período colonial abandonavam seus filhos ou praticavam aborto por diversos motivos. Uma afirmação como essa, sendo veiculada num texto científico, vem negar um discurso consagrado e arraigado em nossa memória: a maternidade, tida como missão e/ou desejo de toda mulher.

Dentro da memória histórica que nos perpassa (interdiscurso, para a AD), o período mais marcante na história das mulheres é, sem dúvida, o movimento feminista. Margareth Rago (2000) coloca tal movimento como marco de uma mudança de pensamento na história da mulher, nos rumos da própria história e ainda na concepção de cientificidade. Segundo ela, o movimento feminista traz, juntamente com a Psicanálise, o Marxismo, o Desconstrutivismo e o Pós-Modernismo, uma crítica às categorias dominantes que se impõem como universais: padrão burguês-masculino-ocidental (RAGO, 2000).

Ainda, segundo Louro (2000), o feminismo põe em evidência o conceito de gênero, ele está “ligado diretamente à história do movimento feminista contemporâneo” (LOURO, 2000, p. 14). Conforme a autora, o Sufragismo (movimento que reivindicava o direito de voto à mulher) foi a “primeira onda” dentro do que se chamou movimento feminista. Nesse contexto, começam a surgir estudos sobre o papel da mulher que denunciavam amplamente a invisibilidade a que a mulher se encontrava submetida. “A segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito” (LOURO, 2000, p. 17). As atitudes do movimento foram marcadas por seu caráter essencialmente político: enquanto algumas militantes reivindicavam igualdade entre homens e mulheres, outras propunham a subversão, a ocupação do espaço que até então pertencia ao público masculino.

Pouco a pouco, as discussões sobre gênero, primeiramente somente relacionadas às mulheres, estendem-se aos homens. “A pretensão é, então, entender o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos” (LOURO, 2000, p. 24).

Tendo feito essa incursão por alguns pontos da história da mulher, a fim de apresentar elementos para compreender as condições de produção dos discursos sobre a maternidade, passamos agora a discutir o período atual.

3. Contemporaneidade: um outro modo de organização dos sujeitos

Passado o período moderno em que muitas mudanças significativas se deram na história da mulher: movimento feminista, surgimento da pílula anticoncepcional, (relativa) liberdade sexual, possibilidade do divórcio mais aceita e inserção no mercado de trabalho, as configurações identitárias da mulher no cenário contemporâneo foram cada vez mais se afastando da questão da maternidade e incorporando outras possibilidades.

Assim, pensar nas questões identitárias em um período que ainda busca uma designação precisa, e que chamaremos de “contemporaneidade”, é tocar num ponto bastante nebuloso e móvel, dadas as novas configurações dos conceitos, o modo de pensar a constituição do sujeito como heterogênea e as mudanças e crises dos gêneros. No auge da ideologia patriarcal era muito simples identificar o que era ser homem e o que era ser mulher: havia somente essas duas possibilidades de identificação. Contudo, paulatinamente, o que se observa é que homens e mulheres vivem um momento de desestabilização em relação aos modos de subjetivação anteriores, o que modifica sobremaneira o processo de constituição das identidades.

Sendo assim, “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno...” (HALL, 2000, p. 07). As mudanças produzidas a partir do final do século XX, com o advento da Psicanálise, do feminismo e outros movimentos que modificaram a forma de viver e de se subjetivar, vêm causando a fragmentação dos sujeitos, visto que a noção unitária de sujeito tem perdido espaço face ao paradoxo das múltiplas formas de identificação e, ao mesmo tempo, à perda de identificação, o que instaura o colapso pelo qual passam os indivíduos da contemporaneidade.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos

tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. (HALL, 2000, p. 09).

No que se refere especificamente às mulheres, conforme Bruns (2010), “muitas modificações ocorreram, nestas últimas décadas, para as mulheres, já que reelaboraram antigos valores morais e sexuais, tentando modificar ou sobrepujar as repressões de muitos séculos” (p. 16). Mesmo assim, com tantas conquistas, vemos uma mulher ainda confusa com seu papel na sociedade, uma vez que “os valores antigos entram em conflito com os novos” (BRUNS, 2010, p.16). Nesse sentido é que entra, a nosso ver, a questão da maternidade, item que discutiremos na sequência.

4. O desejo de ser mãe *versus* o desejo de ser mulher

Ao observar alguns *sites/blogs* com depoimentos de mulheres sobre a questão da maternidade, verificamos dois lugares discursivos no que diz respeito à maternidade: um grupo que se organiza em torno de um discurso de afirmação do desejo de ser mãe e outro que discursiviza a opção de não passar pela experiência da maternidade.

O primeiro grupo pode ser subdividido em outros dois: um grupo de mulheres que, estando casadas e estabilizadas profissionalmente, desejam, mas não podem, por questões biológicas, ter um filho com seu marido/companheiro; e um outro grupo de mulheres que, estabilizadas profissionalmente, mas sem um relacionamento estável, também desejam ser mães (sozinhas ou com um parceiro). Nos dois casos, temos que considerar que o desejo de ser mãe, que perpassa o imaginário da maioria das mulheres, geralmente está atrelado ao “desejo de família” de que fala Roudinesco (2003), mesmo que essa família não tenha as configurações da família tradicional/nuclear a que estamos habituados.

O segundo grupo, das mulheres que optaram por não terem filhos (biológicos ou adotivos), ainda que menor, é bastante representativo e também passa por uma crise, principalmente no que diz respeito às cobranças sociais inerentes a essa escolha. De qualquer forma, qualquer que seja o posicionamento das mulheres em relação à maternidade, temos que levar em conta as novas configurações familiares que vêm se estabelecendo.

4.1 O desejo de ser mulher passa pelo desejo de ser mãe

Vários autores, ainda que atestem a modificação da família contemporânea e a aparente “desordem”, concordam que ela se mantém como alicerce da sociedade: “a família parece ser o último lugar de refúgio- num mundo sem dó- e garantia de laços sólidos e duradouros” (BRAGA; AMAZONAS, 2007, p.p 38-39). Em certa medida, a “desordem” atual das famílias reflete a saúde de seus membros, conforme afirma Roudinesco (2003), já que traz em si as mudanças pelas quais os homens e as mulheres passaram. Da família tradicional (patriarcal), passando pela família moderna (democrática) e, finalmente, a contemporânea ou pós-moderna (dissolvida?), podemos dizer que a família de hoje pode ser tomada como “frágil, neurótica, consciente de sua desordem” (ROUDINESCO, 2003, p. 153), mas mantém-se firme como lugar de formação e identificação do(s) sujeito(s).

Além de outras questões tais como divórcio, as configurações atuais familiares são reflexo do fato de que muitas mulheres e casais adiam o momento de ter filhos para se especializar, conquistar espaço no mercado de trabalho, enfim, garantir a tão famigerada independência financeira. Nesse sentido, com as dificuldades advindas das questões biológicas, novas tecnologias reprodutivas, como a fertilização *in vitro*, entre outras formas de tecnologia de reprodução assistida (RA), têm sido uma opção para os que desejam ter filhos biológicos.

O que as novas tecnologias reprodutivas estão indiretamente favorecendo é a supressão do elemento desejante da mulher e do homem. Um tipo de dessexualização do encontro necessário para a procriação, não apenas mediante a suspensão da relação sexual, no caso de uma inseminação artificial ou fertilização *in vitro*, mas principalmente porque o que interessa é o resultado, é juntar as partes apenas. Um espermatozoide saudável de um homem, um óvulo saudável de uma mulher, que depois de juntos vão para um útero saudável que possa levar a termo uma gravidez desejada e encomendada por alguém ((BRAGA; AMAZONAS, 2007, p. 39).

Pensando nessas novas possibilidades, percorremos alguns *blogs* e sites que tematizam o desejo de maternidade para tentar perceber de que modo se organiza discursivamente (na fala dessas mulheres) esse desejo. Desse modo, recortamos algumas falas e estabelecemos alguns elementos recorrentes, tais como:

- a) A angústia gerada pelo desejo/necessidade de ser mãe:

Meninas, queria deixar aqui registrado como foi o último mês de tentativas para que todas que estão tentando e angustiadas como eu fiquei também consigam realizar o sonho de ter seu bebê³.

b) Os recursos utilizados para engravidar, que vão desde remédios caseiros, até técnicas e tratamentos amparados na medicina, passando pelo apelo à fé e à religiosidade:

No primeiro dia do ciclo, apesar de uma tristeza enorme, não baixei a cabeça, comecei a tomar coisinhas naturais. Durante os sete primeiros dias do ciclo, tomei o chá de sálvia [...] Também comecei a tomar o Agoniada [...] uma receita da minha vovozinha, que já morreu, mas que minha homeopata falou que é realmente um fitohormônio. No período fértil, que eu considero entre o 10º e o 20º dia do ciclo, namoramos um dia sim, outro não, par que os espermatozoides estivessem mais fortinhos [...] depois da relação, colocava uma almofada embaixo do bumbum e ficava entre 10 e 20 minutos [...]. Também rezei e pedi a Deus que fosse feita a vontade dEle (...).⁴

Em um recorte como esse podemos observar a circulação de discursos oriundos de vários lugares e passam a constituir o discurso sobre o desejo de ser mãe de forma heterogênea.

c) Outro aspecto que se revelou bastante preocupante quando o assunto é a maternidade é a idade da mulher, como podemos verificar na fala seguinte, que também revela os rituais impostos pelas tentativas de se ter um bebê:

Já estava com 29 anos! Nos primeiros meses fiquei neurótica! Acordava com o termômetro na boca e tirava a temperatura rigorosamente todos os dias.

d) Por fim, um último aspecto verificado são as constantes decepções quando as tentativas de engravidar não funcionam. Nesses casos, aparece um discurso de impotência e decepção, acompanhado por outro de esperança:

Vou tentar novamente! Iniciamos os exames e todos os procedimentos necessários para FIV. Também vou começar tratamento psicológico para diminuir a ansiedade. Fazer tudo certinho, daí só vai depender da permissão de Deus.⁵

Os fragmentos que coletamos trazem uma amostra das questões que rondam o desejo de ser mãe, presente em uma parcela bastante grande das mulheres acima de 30 anos. Nesse sentido, podemos nos indagar acerca do desejo feminino pela maternidade:

³ Depoimento retirado do Blog *Desejo de ser mãe*. Disponível em: <<http://desejosermae.com.br>>. Acesso em 23.mar.2012.

⁴ Depoimento retirado do Blog *Desejo de ser mãe*. Disponível em: <<http://desejosermae.com.br>>. Acesso em 23.mar.2012.

⁵ Depoimento retirado do Blog *Quero muito ser mãe*. Disponível em: <<http://queromuitosermae.zip.net/>>. Acesso em 28.mar.2012.

trata-se de uma questão biológica ou social? De onde vem esse desejo, que se transforma em necessidade? Alguns estudos apontam que a maternidade ainda está muito ligada ao alcance da feminilidade, como atesta pesquisa realizada com mulheres que recorreram à reprodução assistida como forma de realizar uma produção independente (SZAPIRO; FÉRES-CARNEIRO, 2002).

A psicanálise entende a maternidade em sua ligação com a falta (BIRMAN, 1999; NERI, 2005). Assim, ser mãe seria um elemento na busca da mulher pela completude e, sendo um imperativo social, acaba sendo naturalizado como obrigatoriedade para ser/manter-se como mulher.

No que se refere ao discurso, propriamente dito, há uma mescla entre discursos da medicina, da religião, discursos machistas, constituindo a fala dessas mulheres e permeando a organização desse “desejo” de maternidade.

4.2 O desejo de ser mulher NÃO passa pelo desejo de ser mãe

Tomando como foco o desejo da maternidade, percebemos que se instaura um paradoxo: se é pela maternidade que a mulher consagra sua feminilidade, é exatamente aí que a perde. Um fato muito comum quando uma mulher se torna mãe é que o marido deixa de lhe chamar pelo nome carinhoso de antes e passa a lhe chamar de “mãe” (assim como ela também muitas vezes o chama de “pai”). Esse é só um exemplo da confusão de papéis que aí se coloca e se materializa discursivamente. Muitas mulheres hoje não desejam passar pelo processo de maternidade para não perder esse lugar de feminilidade, de objeto de desejo do homem. Desse modo, afirmam que não querem “estragar seu corpo” ou até mesmo “dividir” a relação com a pessoa amada, entre outras formas discursivas de mostrar esse desejo pela feminilidade e não pela maternidade. Nesse sentido, o desejo de SER mulher é paradoxal ao desejo de SER mãe, apesar de que o primeiro talvez passe pelo segundo, ou seja: para ser mulher, é preciso ser mãe, mas quando se é mãe, perde-se a feminilidade, perde-se aquilo que a caracteriza como mulher, porque passa a ser mãe.

Tomando essa outra perspectiva, passamos a observar alguns depoimentos de mulheres que não querem ser mães, divididos a partir de temáticas (lugares discursivos) recorrentes nas falas coletadas:

a) Dúvida em relação à maternidade *versus* naturalização do papel de mãe atribuído à mulher:

No excerto que trazemos, observamos a dúvida em relação à maternidade em sua relação com os discursos (principalmente religiosos) que afirmam o papel “natural” da mulher como mãe:

*Sou cristã. Sei que lá em Gênesis tem o famigerado mandamento "Crescei e multiplicai-vos", mas sinceramente, não sei se quero ter filhos.[...]Se eles se deparam com uma mulher que não quer ter filhos, eles podem querer tentar fazê-la mudar de ideia, utilizando discursos que nós feministas sabemos de cor, toda mulher sonha em ser mãe. Toda mulher? Será que uma mulher só se realiza depois que casa e engravida?*⁶

O intertexto bíblico traz a cobrança localizada no discurso religioso e que se desloca para o social, naturalizando-se. Aqui a cobrança social, estendida a “todas as mulheres” é questionada, a partir do discurso feminista, que permite a negação do discurso arraigado e divulgado socialmente.

b) Cobranças em relação à mulher que não quer ser mãe.

O depoimento a seguir traz um elemento muito recorrente na fala das mulheres que optam por não serem mães: a cobrança da sociedade, de um modo geral:

*Será que não tenho o direito de escolher sem ser mal vista, se quero ou não perpetuar os meus genes? [...] só porque os outros acham que esse é o meu papel na vida? Não! Não quero ter filhos e recuso-me a ser vista como menos pessoa por causa disto...!*⁷

Isso se acentua quando está relacionado a um casal que decide não ter filhos, contudo a responsabilidade sempre acaba recaindo sobre a mulher, que é vista como egoísta e, por vezes, como “anormal” por não ter o chamado “instinto maternal”, como podemos observar no seguinte trecho:

O fato de termos um filho foi colocado totalmente, não em segundo plano, mas em último. Por que isso incomoda tanto as pessoas? Para que sejamos totalmente felizes precisamos de um filho? [...] Por que será que nós como mulheres temos que ter a obrigação moral, o

⁶Depoimento retirado do Blog *Bobolítica*. Disponível em <<http://bobolitica.blogspot.com.br/2012/02/nao-e-so-mulher-que-decide-engravidar.html>>. Acesso em 28.mar.2012.

⁷Depoimento retirado do Blog *Interno Feminino*. Disponível em: <<http://internofeminino.blogs.sapo.pt/49653.html#ixzz1qwCfquFd>>. Acesso em 28.mar.2012.

*dever de sermos mães? [...] Muitas vezes me questionam se eu não tenho o tal instinto maternal.*⁸

c) Maternidade e perda do lugar de mulher/feminilidade:

*Quem irá ficar com o corpo todo deformado, quem irá carregar, passar noites sem dormir e sofrer pra parir a criatura*⁹

*Acho que na mente dele deixei de ser mulher para ser mãe*¹⁰

Os depoimentos exemplificados a partir dos excertos acima direcionam o olhar para a modificação do corpo e do papel da mulher enquanto objeto de desejo do homem, elementos que aparecem com frequência nos dizeres das mulheres em relação à maternidade e que são levados em consideração quando da decisão de não ser mãe. Os discursos, nesse caso, perpassam a estética e também a questão da feminilidade, no que toca à questão corporal, repousando na dicotomia que discutimos anteriormente: ser mãe ou ser mulher.

d) Razões para não se ter um filho:

Apesar das cobranças, alguns depoimentos atestam que as pessoas começam a perceber que as razões para não se ter um filho são bastante coerentes, quando são apresentados argumentos voltados a aspectos pragmáticos.

*Eu não quero ter filhos, tem pessoas que acham isso um absurdo, ficam indignadas, [...] porém depois de alongar um pouco a conversa isso muda, alguns falam, nossa, de certa forma você é coerente e não está falando nenhuma besteira, [...] isso é apenas o começo...o começo de uma nova vida que está sob SUA responsabilidade, afinal mãe é mãe o resto da vida [...] uma criança gera gastos, é necessário uma boa educação pra ela [...], é necessário educar, ter paciência, ser responsável por boa parte da índole desta criança quando ela crescer e esperar sempre o melhor para ela [...] Filhos dão dor de cabeça...vão ser adolescentes como eu e você fomos [...] mas vendo a responsabilidade que é ter uma criança, prefiro não arriscar, e continuar assim, sem querer ter filhos.*¹¹

⁸ Depoimento retirado do Site *Recanto das Letras*. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/cronicas/2916840>>. Acesso em 28.mar.2012.

⁹ Depoimento retirado do Site *Vila Mulher*. Disponível em: <<http://www.cronicasatipicas.wordpress.com/naoqueroterfilhos>>. Acesso em 28.mar.2012.

¹⁰ Depoimento retirado do Site *Crônicas atípicas*. Disponível em: <<http://www.vilamulher.terra.com.br/mae-x-mulher-9>>. Acesso em 28.mar.2012.

¹¹ Depoimento retirado do blog *TPM de 30 dias*. Disponível em: <<http://tpmde30dias.blogspot.com.br/2011/08/nao-queiro-ter-filhos.html>>. Acesso em 28.mar.2012.

Perpassam os discursos acerca das razões para não se ter um filho questões de ordem econômica, ambiental, moral, mas, sobretudo, relacionadas à responsabilidade atrelada a esse papel, que nem sempre pode ser assumida por qualquer pessoa. Aí entra novamente a questão do desejo, contraditoriamente relacionada à obrigatoriedade social da maternidade.

Desse modo, percorrendo os fragmentos da fala de mulheres que querem e que não querem ser mães, voltamos à questão proposta no início deste tópico: o desejo de ser mãe está em relação com o desejo de ser mulher? Ser mãe seria um pré-requisito para a feminilidade? A questão não pode ser respondida, assim, pontualmente. Contudo, podemos afirmar, com base nos depoimentos coletados e nos discursos que circulam hoje acerca da maternidade que, para algumas mulheres, o desejo de ser mulher passa pelo desejo de maternidade, mas, para outras dá-se justamente o contrário: para ser mulher não é preciso ser mãe, e mais ainda: sendo-se mãe é impossível ser mulher. Assim, podemos dizer que não há como considerar a maternidade um destino “natural” para todas as mulheres, sobretudo no contexto atual, em que as identidades (sempre no plural) possíveis são várias.

Um elemento em comum nos dois lugares discursivos apresentados pode ser observado na angústia que surge tanto para as mulheres que querem ter um filho e não conseguem, quanto para as que decidem não tê-lo e precisam justificar-se perante a sociedade. Os dois casos esbarram na naturalização da maternidade como algo ligado incondicionalmente ao feminino que se forjou em nossa cultura. Assim, ambas as situações apontam para movimentos em direções diferentes, mas que se voltam para essa mesma questão da naturalização da maternidade: no caso das mulheres que querem, mas não podem ter filhos por questões biológicas, há uma procura generalizada (nas classes mais abastadas, é claro) pelas formas de reprodução assistida; e no caso das mulheres que não querem ter filhos há uma tendência de justificação através da obrigatoriedade do sucesso profissional.

5. Considerações finais:

Os elementos culturais desenvolvidos historicamente, conforme atestam Badinter (1985), Birman (1999), Macedo (1992), Bruns (2010), entre outros autores mencionados em nossa revisão bibliográfica, sugerem uma ligação intrínseca entre o feminino e a

maternidade, contudo tal ligação não se verifica para todas as mulheres, o que foi possível observar a partir dos depoimentos das mulheres que optam por não terem filhos. Se considerarmos ainda as perspectivas trazidas pelo período contemporâneo verificaremos que a mulher (se é que pode ser tomada, assim, em conjunto, como uma classe homogênea) parece realmente encontrar-se em um período de transição no que se refere ao seu papel nas relações de gênero e no que se refere à maternidade.

Desse modo, no final desta reflexão, ainda bastante preliminar e que desconsiderou muitos elementos que poderiam ser mencionados (aspectos econômicos/sociais, aspectos relacionados à orientação sexual das mulheres, entre outros), podemos apenas atestar mais uma vez o paradoxo entre o desejo de SER mulher e o desejo de SER mãe, sendo que não podemos tomá-los como correspondentes. É preciso sempre considerar as configurações atuais no que se refere às identidades possíveis dos sujeitos e às organizações familiares que, sendo múltiplas, abrem espaço para que as mulheres tomem posicionamentos distintos em relação à maternidade e, desse modo, constituam heterogeneamente os discursos em torno dessa questão.

6. Referências:

BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BIRMAN, J. *Cartografias do Feminino*. São Paulo: Editora 34, 1999.

BRAGA, M.G.R; AMAZONAS, M.C.L.A. Mulheres, casais e famílias em suas experiências e aventuras com a reprodução assistida. In: CERVENY, C.M.O. (org) *Família em movimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p.p.37-76.

BRUNS, M.T.A; ALMEIDA, S. *Sexualidade: preconceito, tabus, mitos e curiosidades*. 2 ed. Campinas, SP: Átomo, 2010.

CHIZZOTTI, A. Da pesquisa qualitativa. In: _____ *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 1995, p. 77-87.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 4 ed. Rio de Janeiro: LP&A, 2000.

LOURO, G. *Gênero, Sexualidade e Educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

MACEDO, J. R. *A mulher na Idade Média*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1992.

NERI, Regina. *A psicanálise e o feminino: um horizonte da modernidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

ORLANDI, E. P. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. 4 ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Orlandi et al. 3 ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1997.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni Orlandi. 5 ed. Campinas, SP: Pontes, 2008.

RAGO, M. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, M. D (Org). *História das Mulheres no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000.p.p. 578-606.

RODRIGUES, D. *Socorro, quero ser mãe: porque justo eu não consigo engravidar?* São Paulo: Peirópolis, 1999.

ROUDINESCO, E. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

SANTOS, K. A. *A heterogeneidade do discurso feminino: mulher-efeito e seus desdobramentos*. 2008. 245 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, 2008.

_____. *Sim, toma! A mulher na contemporaneidade*. 2009. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Psicologia)- Universidade Estadual do Centro Oeste, Irati-PR, 2009.

SZAPIRO, A.M; FÉRES-CARNEIRO, T. Construções do Feminino Pós Anos Sessenta: o caso da maternidade como produção independente. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2002, 15(1), pp. 179-188. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v15n1/a19v15n1.pdf>. Acesso em: 23/03/2012.

VENÂNCIO, R.P. Maternidade negada. In: PRIORE, M. D (Org). *História das Mulheres no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000.p.p. 189-222.

BLOGS OU SITES:

BOBOLÍTICA. Disponível em: <<http://bobolitica.blogspot.com.br/2012/02/nao-e-so-mulher-que-decide-engravidar.html>>. Acesso em 28.mar.2012.

CRÔNICAS ATÍPICAS. Disponível em: <<http://www.vilamulher.terra.com.br/mae-x-mulher-9>>. Acesso em 28.mar.2012.

DESEJO DE SER MÃE. Disponível em: <http://desejosermãe.hd1.com.br/dep_chris.htm>. Acesso em 23.mar.2012.

INTERNO FEMININO. Disponível em: <<http://internofeminino.blogs.sapo.pt/49653.html#ixzz1qwCfguFd>>. Acesso em 28.mar.2012.

QUERO MUITO SER MÃE. Disponível em <<http://queromuitosermae.zip.net/>>. Acesso em 28.mar.2012.

RECANTO DAS LETRAS. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/cronicas/2916840>>. Acesso em 28.mar.2012.

TPM DE 30 DIAS. Disponível em: <<http://tpmde30dias.blogspot.com.br/2011/08/nao- quero-ter-filhos.html>>. Acesso em 28.mar.2012.

VILA MULHER. Disponível em: <<http://www.cronicasatipicas.wordpress.com/naoqueroterfilhos>>. Acesso em 28.mar.2012.